

Meditação sobre as palavras de Gurumayi

Mahashivaratri

por Eesha Sardesai

A oração de Gurumayi

Sob a cintilante cúpula azul da Sala Universal de Siddha Yoga, Gurumayi fez uma oração. Ela falava em hindi; Aqueles que conhecem a língua talvez se lembrem das palavras dela. E acho que todos nós, entendendo ou não hindi, sentimos o poder vibrando em seu discurso. Podíamos reconhecer que algo importante estava acontecendo.

Foi isto que Gurumayi disse:

Que possamos encontrar paz interior. Essa é nossa oração a Deus. Quando vivenciamos a paz, então tudo fica bem. Quando vivenciamos a felicidade dentro de nós mesmos, sentimos que o *prasad* do Senhor está presente por todo este mundo. Está em toda parte.

Que possamos encontrar paz interior. Essa é nossa oração a Deus. Quando estamos em paz, vivemos nossa vida alegremente com os outros. Quando existe alguma coisa acontecendo dentro de nós, é aí que criamos tumulto do lado de fora.

Que possamos encontrar paz interior. Essa é nossa oração a Deus.

A cada repetição desse refrão — “Que possamos encontrar paz interior. Essa é nossa oração a Deus” — senti como se a intenção de Gurumayi estivesse sendo gravada mais profundamente nas dobras da eternidade.

Também senti que essa oração estava se costurando em meu ser. Ou talvez as palavras de Gurumayi estivessem apenas revelando o desejo latente do meu coração.

Mesmo assim, minha compreensão da oração de Gurumayi se expandiu à medida que absorvi suas palavras. Na primeira vez que Gurumayi disse: “Que possamos encontrar paz interior”, achei que a oração dela era sobre cada um de nós experimentarmos a paz em nossa própria alma. À medida que Gurumayi continuava, percebi rapidamente que ela estava fazendo uma conexão entre a paz que poderíamos experimentar individualmente e uma paz muito mais ampla. A paz que existe entre as pessoas. A paz que é sentida pelos animais e criaturas deste mundo. A paz do próprio planeta, vivo como está com Consciência.

Há algo vital nessa conexão que Gurumayi estava trazendo à nossa atenção — a conexão entre a paz interior e a exterior. O mundo pode não girar em torno de qualquer um de nós, mas nós, de fato, fazemos do nosso mundo o que ele é. Nossa esfera de influência é extensa. As escolhas que fazemos, a atmosfera que cultivamos dentro de nós mesmos, a forma como nos apresentamos em nossas interações — tudo isso se propaga para fora. E vai se acumulando. Amplifica-se; provoca dezenas de reações em cadeia. Nós realmente podemos, se assim escolhermos, ampliar a auspiciosidade.

Às vezes, pelo menos para mim, a noção de paz mundial pode ser difícil de compreender. É algo que eu desejo desesperadamente, mas parece abstrato, inalcançável em qualquer sentido prático — especialmente em um mundo tão conturbado e complexo. O que eu amo tanto na oração de Gurumayi é que ela envolve cada um de nós na conquista desse objetivo. Ela deixa claro que todos nós temos um papel a desempenhar. O objetivo — a paz neste mundo — permanece tão nobre como sempre, mas sinto que ela é também acessível, especialmente se fizermos o *esforço* para acessá-la. Se olharmos com cuidado, podemos encontrar evidências da paz em toda parte — provas de sua existência, por mais passageiras que sejam.

Podemos descobrir a paz em um momento de serenidade inesperada, em um ato de caridade, em qualquer tentativa sincera de resolver uma discussão ou chegar a um ponto de entendimento mútuo. Exemplos como esses nos dão esperança. Eles nos lembram que a paz muitas vezes começa com algo pequeno, algo que talvez nem pensássemos que geraria paz. É, de fato, no acúmulo dessas “pequenas” expressões de paz, e na proeminência que lhes damos em nossa consciência individual e coletiva, que uma paz mais ampla se torna possível.

Com isso em mente, vamos criar a intenção de buscar a paz neste mundo. Tocá-la. Vivenciá-la. Fazer algo a respeito. O ato de orar é, em si, um passo tangível que podemos dar. No texto anterior de “Meditação sobre as palavras de Gurumayi”, escrevi sobre como há muito envolvido em fazer uma oração no caminho de Siddha Yoga. Eu acrescentaria agora que o mesmo pode ser dito sobre *oferecer* uma oração — por alguém ou algo além de nós mesmos.

Acho que é mais fácil do que imaginamos ficar indiferente à situação dos outros. A vida e a morte estão acontecendo ao nosso redor, o tempo todo. A cada momento, alguém está nascendo. A cada momento, alguém está dando o suspiro final. Um pássaro põe ovos, e esses ovos caem do ninho. Vamos dar uma caminhada e, enquanto deixamos o ar delicioso encher nossos pulmões — pisamos em um inseto. Depois, há os exemplos mais dramáticos, as vidas perdidas em guerras ou em alguma outra calamidade. Protegemos nosso coração contra a enxurrada dessas notícias, cada nova morte causando menos impacto que a anterior, simplesmente porque precisamos sobreviver, precisamos *seguir em frente*. Fico me perguntando, porém, se, no decorrer de nossa assídua autopreservação, também não atenuamos um pouco do nosso encanto pela vida.

Fazer e oferecer orações apresenta um antídoto para esse tipo de pensamento. É uma recusa silenciosa, mas firme. Orar genuinamente pelos outros exige que tenhamos uma apreciação consciente pela vida e que

valorizemos a vida dos outros tanto quanto valorizamos a nossa. Quando oramos pelo bem do mundo, na verdade estamos construindo uma *visão* do mundo na qual fazemos mais do que apenas tentar “sobreviver”. Estamos saindo desses modos de ser tão familiares e fechados em si mesmos. Estamos reconhecendo nossa interconexão com toda a vida e, ao fazê-lo, acredito que entramos na fonte da gratidão em nosso coração. Nossa existência neste planeta não é mais garantida do que a de qualquer outra pessoa. Somos todos igualmente sortudos por estarmos aqui, então por que não encontrar a melhor oportunidade para nosso próprio avanço no progresso que fazemos com os outros?

Já ouvi Gurumayi ensinar sobre a importância de manter um *coração em oração*. Entendo que isso significa que, mesmo quando não estamos formulando uma oração ativamente, podemos estar cultivando uma atitude interior de oração. Podemos olhar para o nosso mundo e nos aproximar dele de uma forma que seja propícia à oração. Então, quando chegar o momento de realmente oferecer nossas orações, estaremos prontos. Não precisamos cavar muito fundo para encontrar a empatia necessária, a ternura do coração necessária.

Uma forma que Gurumayi nos ensinou de fazer isso é prestando atenção à linguagem que usamos. Isso inclui os pensamentos em nossa cabeça e as palavras que dizemos em voz alta para os outros. Como descrevemos as pessoas que encontramos? Que palavras vêm à mente? Quais palavras estamos usando para reconhecer o caráter e o comportamento deles? Quais ideias sobre a humanidade estamos reforçando por meio da linguagem que escolhemos?

Gurumayi compartilhou comigo, já que cresci em uma casa de língua marati, que uma das palavras favoritas dela em marati é *tsāngla*. É uma palavra que Baba Muktananda costumava usar ao falar com, ou sobre, os devotos que visitavam Gurudev Siddha Peeth — especialmente aqueles provenientes de Maharashtra. É uma palavra linda em marati. Também é

uma palavra que as pessoas usam o tempo todo, então realmente apreciei o lembrete para recordar a riqueza de seu significado. Literalmente, *tsāngla* significa “bom”. Mas sua essência abrange muito mais. A pessoa que é *tsānglā* ou *tsānglī* tem um caráter muito bom e uma visão muito boa da vida. Ela é honesta, verdadeira, virtuosa, bem-intencionada — simplesmente, absolutamente *boa*, sem igual. Usar *tsāngla* para descrever alguém é ver o melhor nela. É reconhecer sua bondade inerente.

Palavras semelhantes também podem ser encontradas em outros idiomas. Em japonês, uma pessoa de bom coração, que tem um temperamento gentil e honesto, é descrita como *zennin*. Em espanhol, essa pessoa é *bondadosa*, boa e gentil. Em italiano, essa pessoa é *buona*, sincera, virtuosa, de coração gentil. Em russo: *dobryj*, boa, gentil, bondosa. E em francês, esse alguém é *bon*; faz o bem para os outros, deseja bondade para os outros, é compassivo e generoso.

Menciono tudo isso para afirmar — por mim e por todos nós — que temos as ferramentas necessárias para nutrir um *coração em oração*. Nossas palavras criam nosso mundo. Para deixar claro, isso não significa fechar os olhos para a realidade; ver o bem nos outros não é ignorar inverdades nem compactuar com o errado. Mas ao procurar e reconhecer o que é *autenticamente* bom nos outros, fortalecemos nossa crença na bondade geral da humanidade. E se não fazemos o possível para manter essa crença forte, então por quem e por que estamos orando?

É por isso que, especialmente no contexto de Mahashivaratri, acho benéfico aprender sobre os muitos nomes do Senhor Shiva. O Senhor Shiva, como sabemos, não é diferente do Ser interior. Ele é o Ser em tudo. Então, quando o chamamos de Shiva — literalmente, “o auspicioso, a personificação da bondade” — estamos lembrando de nossa própria bondade e da bondade nos outros. Quando falamos dele como Gunottama, “aquele de virtude suprema”, estamos reconhecendo essa virtude em nós mesmos e naqueles ao nosso redor. E quando o chamamos de Shankara, “o

beneficente, aquele que concede a felicidade”, estamos reconhecendo que todos nós temos a capacidade de ser bondosos e benevolentes, e de manifestar a bondade ao nosso redor.

Esses são alguns dos meus pensamentos iniciais sobre a oração de Gurumayi no *satsang* de Mahashivaratri. Agora quero saber o que a oração de Gurumayi significa para você. Quando ouve as palavras da oração de Gurumayi, o que lhe vem à mente? O que surge no seu coração? Quais esforços você tem feito para relacionar a bondade que carrega dentro de si com sua capacidade de fazer a diferença na vida dos outros? Como poderia usar sua bondade para causar um impacto positivo, quer considere esse impacto microscópico ou infinitamente grande?

